

O PHAROL TRANSMONTANO.

PERIODICO MENSAL

DE

INSTRUCCÃO E RECREIO.

N.º 11.

AGRICULTURA (*).

Dissemos que na composição dos terrenos agrícolas entram varias substancias. Extremámos, por assim nos explicarmos, aquellas cujo conhecimento nos pareceo indispensavel, mormente com relação ao nosso Districto, para dellas darmos tal ou qual noticia a nossos agricultores. E observaremos agora, que a fertilidade das differentes terras, argilosas, calcareas e siliciosas, depende da conveniente mistura de umas com outras — quer esta mistura seja natural ou operada pela propria natureza, quer artificial ou praticada pela mão e industria do homem. Por outras palavras: um terreno puramente arenento ou calcareo, é esteril; se com o saibro ou com o carbonato de cal, se acha misturada a argila, o solo será mais ou menos fertil; porém se as tres substancias figuram na composição deste, e de mais a mais estão em certa e determinada proporção, temos, nesse caso, um loam, ou terra *normal*.

Mas o que é o solo? Qual a origem das substancias de que elle consta? Como se pôde operar a mistura de elementos tão diversos, como os que se encontram nas nossas terras lavradas?

Formação dos terrenos. — O solo é o resultado da decomposição e mistura das diversas rochas e camadas geologicas, conjuntamente com o residuo dos vegetaes e animaes. Releva pois distinguir nos terrenos a

parte mineral ou inorganica, da parte organica: a primeira consta de *terras* propriamente ditas — silica, argila, magnesia, cal, &c.; a segunda provém da decomposição dos animaes e plantas, e fórma o humus ou terrugem, de que fallamos.

Umavez, porém, deve o terreno a sua formação á desagregação da propria rocha sobre que assenta, ou que está proxima; desagregação que se effectua, pela gravidade, que faz separar e cahir os pedaços pouco adherentes, — pela penetração da agoa nas fendas, porque este fluido, em se congelando, produz o effeito de cunha ou alavanca, e destroe a cohesão dos elementos da rocha, — pela embebição de suas moleculas, as quaes sendo mais hygroscopicas umas que outras, tomam volumes differentes, deslocam-se mutuamente, e abrem, — em fim, pela introdução das raizes das plantas nas aberturas da fraga, &c.

Além destas causas mecanicas de desagregação, existem outras não menos efficazes: as rochas e pedras são tambem decompostas chimicamente pelo oxygeno, pela agoa e pelo acido carbonico.

As rochas variam de natureza, e por isso é evidente que os terrenos provenientes da sua decomposição hão de variar da mesma sorte.

(*) Veja-se a pag. 147 deste jornal.

Da desagregação do *granito*, por exemplo, provém um solo ordinariamente de má qualidade, e só proprio para a cultura do castanheiro, centeio e batata; o trigo por acaso se dá em semelhantes chãos, e é sempre de escassa produção.

Da decomposição do *feldspatho* do granito resulta uma terra argilosa, com fragmentos de quartzo em diferentes proporções: se a rocha é pela maior parte feldspática, as terras graníticas são mais ou menos férteis, e ás vezes excellentes para a vegetação de algumas plantas; o que se observa particularmente nos valles, em razão de irem continuamente acudindo alli as partes mais finas das terras formadas sobre as montanhas circumstantes, conjuntamente com as materias vegetaes e animaes decompostas.

Os *schistos argilosos* dão em resultado solos tanto mais barrentos, compactos e impermeaveis, quanto maior é a quantidade de argila, e menor a de silica, que entram na composição das rochas schistasas.

Da decomposição das rochas calcareas provém hum terreno calcareo, mais ou menos puro, conforme a natureza da rocha.

Pelo que toca ao solo do nosso Districto, já por outra occasião fizemos sentir a falta de analizes chimicas nas diversas localidades, sem o que jamais é pessivel obter hum conhecimento exacto da composição dos respectivos terrenos. Podemos todavia asseverar, que o nosso Paiz abunda em schistos, ardosias, e rochas argilosas, e que as nossas terras lavradas são, pela maior parte, *argilo-arenosas*; diversificando no emtanto immensamente umas das outras, segundo as infinitas proporções das duas principaes substancias — argila, e arêa — que entram em sua composição.

Daqui é facil de vêr, que se predominar a argila, o terreno será argiloso ou barrento, e demasiadamente tenaz; depois de copiosas chuvas, apegar-se-ha ao arado, aos pés dos animaes e do lavrador, e o seu fabrico neste estado será summamente difficil, e as mais das vezes inutil; quando secco, será de uma dureza excessiva, e resistirá a toda a casta de instrumentos agrarios; com o calor, e com os ventos absorventes, contrahir-se-ha,

abrindo fendas profundas, ao passo que no inverno e nas primaveras chuvosas será extremamente humido; os immensos terrões levantados pelo arado quasi nunca chegarão a pulverizar-se completamente, senão depois dos gelos do inverno, que influem muito na divisão destas terras, em razão da impermeabilidade da argila, e da grande quantidade d'agua que retém. N'uma palavra, são os chãos, a que no nosso Paiz costumam applicar o epitheto de pesados, frios e duros — chãos que nem todos os annos é possível cultivar convenientemente, e que tanto dão que fazer a nossos agricultores para aproveitar a occasião mais favoravel de os fabricar com economia e vantagem. Pertence a esta classe uma boa parte do solo de Limões, que possui em subido gráo os inconvenientes de que acabamos de fallar; e não ignoram nossos agricultores quanto abundam por todo o Districto as argilas mais ou menos plasticas, e com especialidade a *figulina*, que tamanha applicação tem nas nossas Aldeas para o fabrico da louça de barro grosseiro, telha, tijolo, &c. Nestas terras fortes e argilosas da-se bem o trigo, quando o anno o permite, e as estações vem favoraveis para a sua cultura.

Outras vezes porém a argila é dividida por quantidade d'arêa sufficiente para tornar o terreno menos compacto, e neutralizar até certo ponto os effeitos do barro. Em these, os nossos melhores chãos, as terras francas e productivas do Paiz, podem classificar-se nesta ordem — ao passo que tem bastante profundidade, não são de uma consistencia excessiva, nem soltas, e com facilidade se deixam dividir, e esterrear. Em summa, são os terrenos que no nosso Paiz nunca folgam, e que produzem excellentes trigos, tanto do inverno como tremez, linho, nabos, hortaliça, luzerna (quando o solo offerece algum declive), e que desgraçadamente em algumas localidades se encontram até convertidos em vinhas. Parte destas terras estão occupadas com os prados naturaes.

Claro está que n'um Paiz tão montuoso, como o nosso, de necessidade hão de avultar consideravelmente os solos delgados, e pouco fundos: bastam para isso as encostas dos

montes e collinas, e as ribanceiras, compostas de ordinario d'uma pouca d'argila, com grande quantidade d'arêa, e fragmentos de varias rochas — terrenos proprios para centeio, e ainda mais para diversas arvores e arbustos, conforme a exposição e temperatura.

As terras propriamente *arenosas*, pôde-se dizer que não existem neste Districto, a não ser á margem d'alguma corrente, onde ainda assim não occupam grande espaço. São igualmente desconhecidos os terrenos *quartzosos*: temos apenas alguns chãos cobertos superficialmente com uma camada de quartzo mais ou menos densa, e ás vezes de mistura com outras pedras. Chamam vulgarmente a estes solos, seixagaes, pedregaes, &c.; e nem por isso costumão ser os peiores, ao menos em localidades frias, nas quaes não ha inconveniente, e antes vantagem em que as pedras augmentem o calor ao terreno, e ás plantas.

Aos terrenos argilo-arenosos, de que temos fallado, seguem-se os provenientes da desagregação das rochas *graníticas*, que, depois das argilosas, são sem duvida as que mais abundantemente se encontram em o nosso Paiz. O centeio, os prados naturaes, e o castanheiro, são em geral as produções vegetaes das nossas terras graníticas.

As rochas calcareas apparecem igualmente em diversos sitios, tanto na parte septentrional, como na meridional do Districto. O que não nos é possível indicar, á falta dos ensaios chimicos a que alludimos, é a proporção em que o calcareo entra nas nossas terras agricolas. Todavia estamos, que a applicação da cal seria um melhoramento inapreciavel para o nosso *terreno primitivo*, para as terras argilosas e graníticas, como em logar competente veremos.

(Continúa).

A. J.

HYGIENE, E SALUBRIDADE DA INFANCIA.

(Continuado de pag. 150).

IV.

Dentição.

A época da dentição ou do apparecimento dos dentes é uma daquellas em que os infantes experimentam maiores soffrimentos; por isso desde o momento do nascimento se devem prestar ao infante todos os cuidados proprios a prevenir ou a modificar aquelles accidentes. Estes cuidados são de tres especies: uns consistem, em afastar tudo o que concorre para apertar, irritar, ou alterar as gengivas, e em preparar as mesmas para a erupção dos dentes, coadjuvando a natureza neste trabalho; outros são relativos aos proprios dentes, á sua direcção, e conservação.

A boca dos infantes, o paladar, a lingua, e as gengivas acham-se ordinariamente cobertas com um humor viscoso esbranquiçado, e outras vezes amarellado, mais ou menos espesso, mais ou menos adherente. Este humor pôde por muitos modos ser-lhe nocivo; em consequencia deve haver o cuidado de o tirar, mas com as devidas cautelas, a fim de não rasgar nem ferir membranas tão finas e delicadas: poderemos para isto servir-nos da ponta do dedo indicador precedentemente molhada em mel puro, ou em mel rosado. Se o humor estiver fortemente agarrado, pôde empregar-se um panno de linho fino, envolvendo com elle o dedo, ou uma raiz de malvaesco ou alcassus, preparada, e molhada em mel, ou melhor ainda em agua de mel (Hydromel ou melite).

Muitas vezes a dentição torna-se difficil por causa da espessura, tensão, e rijesa das gengivas: em tal caso deve-se procurar relaxa-las, e mesmo adelgaça-las. O uso dos emollientes é então indicado, e entre estes o oleo de amendoas doces, a inundia de galinha, a manteiga fresca, o mel, o xarope de capillaria, ou de violas, ou de althea, com os quaes se esfregam as gengivas; ou o cosimento de malvaesco, de cevada, de

passas e figos, que se faz tomar na boca ao infante. Será também muito conveniente, o aquecer um dedo, e esfregar com elle as gengivas do infante, repetindo esta operação frequentes vezes: este meio, além d'outras utilidades, produz a compressão das gengivas, e por consequencia o seu adelgaçamento, opprimindo-as contra a ponta dos dentes, e obrigando-as assim a dividirem-se mais facilmente. O mesmo fim se obtem com os *brincos, figas e ruges-ruges* ou corpos proprios e afeiçoados para os pequenos se entreterem, os quaes elles levam á boca, e apertam entre as maxillas: convém facultar-lhos nesta occasião, mas que não sejam de metal, nem de cristal, que por muito duros tornariam a compressão demasiado forte e desigual, podendo assim resultar o engorgitamento, a inflamação, e até a dilaceração da gengiva. Um simples pedaço de cortiça convenientemente afeiçoado, ou um rolosinho de panno de linho, simples, ou revestido de pelica, ou carneira preencherá melhor o fim proposto.

Desde que se annuncia o trabalho da dentição, devem-se pôr em pratica os meios até aqui indicados; e á medida que os accidentes augmentam empregam-se internamente os calmantes, os temperantes, e mesmo os narcoticos; variando e combinando entre si estes remedios, e proporcionando suas dozes, e gráo de actividade, á intensidade dos symptomas, o que sómente poderá ser apreciado e decidido pelas pessoas da arte, e por isso a estas se deve recorrer para a applicação de taes meios.

Não devemos dissimular que muitas vezes todos estes sócorros são fracos e insufficientes; não obstante não devem elles desprezar-se, porque moderam ordinariamente os symptomas, e acalmam a agitação e os soffrimentos do infante, e lhe obtem alguma tranquillidade, e algum somno; a favor destes ganha-se tempo, do qual a natureza, que não cessa nunca de obrar, se aproveita para avançar o trabalho da dentição.

Passados os primeiros dois, tres, ou quatro annos, chega a época da erupção dos dentes molares: novos soffrimentos se preparam ao infante, e tem então logar a applicação dos mesmos meios já indicados.

Completada já a primeira dentição, nem por isso o infante dispensa neste ponto os cuidados das pessoas a cargo das quaes se acha: acredita-se geralmente que os dentes da primeira dentição não precisam, ou não merecem cuidado algum na sua conservação, por isso que devem cair, e ser substituidos por outros destinados a durar toda a vida: isto é um erro, que julgamos importante combater.

Os dentes da primeira dentição, ou, como vulgarmente se diz, os dentes de leite são expostos á carie, como os que lhe succedem; os molares mais que os outros, e este vicio quasi sempre causa um prejuizo irreparavel aos dentes da segunda dentição, e ao infante: Eis aqui os porques. 1.º Os dentes de leite cariados tem muito menor adherencia com as gengivas do que os sãos, e quasi não oppõe resistencia alguma á erupção dos dentes da segunda dentição: então estes sahem com demasiada promptidão, e sem ter tido tempo de adquirir o estado de perfeição que lhe é necessario, ficando assim por toda a vida fracos, frageis, e mais susceptiveis ás impressaes externas, e a serem alterados e viciados. 2.º Se os dentes da primeira dentição chegam a cariar-se, então quebram-se facilmente, e os novos dentes propeliendo para fóra uma parte daquelles, alguns pequenos fragmentos restam ordinariamente no alveolo mesmo, ou entre os dentes visinhos, e produzem muitas vezes dores vivas, cuja causa se não póde descobrir, por que os dentes parecem sãos, e acabam por communicar o mesmo vicio (a carie ou podridão) ao alveolo, e aos dentes visinhos.

Devem-se pois tomar todas as precauções a fim de obstar a estes inconvenientes: para isto, evite-se desde os primeiros tempos tudo o que póde affectar mui vivamente os dentes, como a alternativa do calor ao frio; por exemplo, o uso das bebidas frias logo após, ou juntamente com alimentos quentes, &c. Assim será util no inverno o modificar a frieza da agoa, mas sem nunca a tornar morna, porque então relaxaria o estomago.

Haja o maior cuidado em evitar que as

crianças toquem, e esgaravtem seus dentes com as agulhas, alfinetes, ou as pontas de thesouras ou canivetes, ou qualquer outro corpo duro, e principalmente metalico. Deve tambem impedir-se que os alimentos se demorem entre os dentes ou sobre as gengivas, e evitar-se a formação e accumulção da pedra ou sarro. Para obter isto, diariamente depois da comida se limpem docemente os dentes aos meninos com um palito flexivel, e se lhe esfreguem com um panno de linho fino molhado em agoa morna. Tambem será util raspar algumas vezes os dentes com a parte chata do palito tendo o cuidado de não ferir as gengivas, e tomando depois uma bochecha d'agoa morna, tornada um pouco tonica com a adição de algumas gottas de um licôr aromatico. Os meninos acostumam-se facilmente a praticar elles mesmos estas operações, contrahindo um habito que conservam toda a vida, e que se lhe torna cada vez mais util.

Quando todas estas precauções se empregaram inutilmente, e que os cuidados os mais aturados não preservaram da carie os dentes da primeira dentição, é porque um vicio interior, um vicio dos fluidos obra mais poderosamente, e annulla, ou impede o effeito dos cuidados exteriores: em tal caso, se a carie ainda está em principio, com um ferro apropriado raspai o dente no ponto onde aquella se manifesta, ou o chumbai se elle se presta a isso: se porém a carie já tem feito grande estrago, não hesiteis em extrahir o dente, e não esperéis para operar, que se aproxime a época da segunda dentição. Igualmente quando pela demasiada firmeza dos dentes da primeira dentição (o que aliás é muito raro) os da segunda, não podendo deslocar aquelles, tentam fazer erupção fóra de seu lugar, e sahir desalinhados, acudi em auxilio da natureza, extrahindo os dentes da primeira dentição, que servem de obstaculo aos da segunda.

V.
Alguns outros preceitos relativos á educação phisica e moral dos infantes.

Já nos paragraphos antecedentes temos tratado varios pontos relativos á educação dos infantes, outros porém nos restam, sobre os quaes agora nos demoraremos, fallando daquelles sómente como em recapitulação.

A infancia póde ser considerada em tres periodos essencialmente differentes. 1.º Desde o nascimento até o fim da dentição; é uma época de desenvolvimento, a mais creadora de todas, e tambem a mais mortifera, pois que neste periodo morre um terço dos infantes nascidos n'um dado tempo. 2.º Desde a erupção dos dentes até ao setimo anno; aqui ha já mais equilibrio nos orgãos e suas funcções, menos aptidão ás molestias, e menor mortalidade: ordinariamente anda por um setimo. O 3.º periodo, desde o 7.º até o 14.º anno: é um dos mais favoraveis á saude, e um daquelles de toda a vida, em que morre menos gente; no entanto está demonstrado, que metade do genero humano succumbe antes de chegar aos 14 annos. O que vamos dizer refere-se com particularidade aos dois primeiros periodos.

Como a vida do infante durante o seu 1.º periodo é uma continuação da geração, e do desenvolvimento organico, tudo deve tender a evitar o que possa contrariar ou desarranjar este trabalho: procurar-se-ha pois por todos os meios possiveis que os systemas e as forças da economia se desenvolvam de uma maneira successiva e regular.

O methodo racional de endurecer, e tornar os infantes robustos consiste em os acostumar pouco a pouco ás influências mesmo nocivas, que elles devem soffrer durante o curso de sua vida. Assim passadas as seis primeiras semanas depois do nascimento, os lavareis todos os dias desde os pés até á cabeça, primeiro em agoa morna, logo depois nella fria fazendo gradualmente esta passagem: é este o melhor meio que a theoria e a pratica tem demonstrado para for-

tificar os sistemas nervoso e cutaneo, e para livrar os infantes das affecções nervosas, catharraes, e rhumaticas. A exposição ao ar livre póde tambem concorrer para o mesmo fim.

O aceio e limpeza é uma das principaes condições de toda a boa educação fisica, já fallámos a este respeito, mas temos ainda uma circumstancia a recommendar; é que deve haver o maior cuidado em que os meninos não tenham piolhos, pois que é esta uma das coisas mais nocivas para elles: uma escóva branda, um pente, o cosimento de losna, ou de fel de terra, o pó de sementes de salsa, podem ser empregados para lhos extinguir. A transudação e excoriação que se estabelece atraz das orelhas, as crostas que ás vezes os accommettem na cabeça cedem ordinariamente aos simples cuidados de limpeza, aos pós d'amido, &c.: no caso contrario, ou quando houver outra doença, não *mesinheis* os meninos, nem os entregueis aos *curandeiros*, chamai um Medico, porque a medicina dos infantes, que a maior parte da gente julga tão facil, é a que requer mais talento e experiencia da parte do facultativo.

O somno é de uma alta importancia nos primeiros mezes da vida; é durante o somno que a natureza continúa a sua obra de reparação: quanto mais novo é o homem tanta maior necessidade tem de dormir, 8 a 10 horas de somno são indispensaveis durante os primeiros annos: o instincto é o guia que deve regular a duração do somno, e por isso, deixai dormir os infantes todo o tempo que elles quizerem, não lhes perturbeis nunca o seu somno, nem os acordeis de sobresalto. Logo que o infante acorda é necessario levanta-lo do berço: em todo o tempo os meninos devem deitar-se e levantar-se cedo. A pratica de *embalar* os infantes é viciosa, e melhor é não os acostumar a isso. Quando o infante gritar, examinai se tem fome, se os vestidos lhe estão molhados, ou se tem alguma dôr.

Os alimentos devem ser faceis de digerir e assimilar, mas restaurantes e apropriados á natureza dos meninos, segundo os differentes periodos de sua idade. As evacuações

livres e faceis: é bom habituar os meninos a dar parte de suas necessidades naturaes, sem com tudo os obrigar a retardar a satisfação das mesmas. Será tambem util o apresenta-los sobre o *vaso* ou na latrina a horas fixas, a fim de que suas evacuações se tornem regularmente periodicas. Evitae tudo o que possa perturbar-lhe ou supprimir-lhe a transpiração.

Os infantes tem ordinariamente o costume de levar tudo á boca, por isso não lhe deis para brincarem, objectos com que elles se possam ferir, ou que estejam cubertos de tintas, ou outras substancias venenosas, que a saliva possa dissolver. Obstaes tambem a que as amas lavem com saliva o rosto dos infantes, segundo ás vezes costumam; e não os deixeis beijar na boca, por quem quer que seja.

Não procureis ensinar a andar os meninos por meio de carros, ou de outra machina qualquer, porque é isso muitas vezes o meio de lhe entortar as pernas, e de os tornar disformes. Deixai-os em liberdade sobre um tapete, um cobertor, ou uma esteira, e logo que seus membros estiverem assás fortes e desenvolvidos, vereis como se levantam e andam sem adjutorio extranho. Se neste caso o menino cahir, não mostreis que vos assustais, porque de outra maneira elle se assustaria tambem, e a custo faria novas tentativas para andar.

Os infantes necessitam de exercicios activos: por isso, se quereis que vossos filhos sejam robustos e saudaveis, proscreei-lhe os jogos sedentarios, e deixai-os exercitar em todos esses jogos activos proprios da infancia, taes como, a *volante*, a *pella*, o *arco*, o *correr*, o *saltar*, &c.: e isto até que venha a idade, em que uma outra educação deve mudar seus habitos.

O trabalho precoce do espirito arruina a saude dos infantes; por isso evitaes o fatigar-lhe prematuramente as facultades intellectuaes: é necessario que o corpo comece por adquirir toda a sua força, e inteiro desenvolvimento, sem isso não só perturbarieis este, mas disporieis o infante ás molestias nervozas, e até á imbecilidade. Não apresenteis nunca aos infantes o trabalho senão

debaixo da apparencia do prazer, e da distracção, e sabei misturar-lhe os jogos e exercicios do corpo com os do espirito.

A cólera, a inveja, e o terror são as paixões ordinarias dos infantes; na falta de linguagem elles as exprimem por meio de gritos: é pois necessario saber distinguir os gritos causados pela dôr, ou pelas necessidades naturaes, daquelles que são sómente filhos da cólera e da impaciencia; a fim de poder condescender em uns casos, e resistir-lhe em outros. No primeiro caso os gritos são mais agudos, menos seguidos, e acompanhados de lagrimas; no segundo são fortes, contínuos, cedendo se se condescende com o infante, renovando-se se este é contrariado.

Tende todo o cuidado que os meninos se não tornem demasiado exigentes, e adquiram um imperio, caprichos, e habitos, que um dia lhe seriam funestos. Não os agasteis porém, nem tambem os contrarieis intempestivamente e sem razão; sêde sempre justos para com elles, inspirai-lhe amizade e não temor: das impressões que receberem nesta tenra idade, é que depende o seu character futuro. Não os habitueis a fazer mal aos animaes, nem a vêr derramar sangue: não vos opponhaes a suas boas disposições, nem consintaes, que elles considerem a sua posição superior á de sua familia: tende tambem o maior cuidado em não lhe deixar conhecer que dais a preferencia a elle, ou a outro qualquer membro da familia, assim lhe evitareis um motivo de iaveja; e o infante invejoso quasi sempre emmagrece, e até ás vezes é devorado pela febre.

Não conteis nunca aos meninos historias absurdas e de terrores, nem lhe ponhaes nunca medo por qualquer fórma que seja; mas antes os levai aos logares escuros, e os acostumai a não se receíarem de cousa alguma: um terror subito pôde causar-lhe muito mal, a epylepsia, e até a morte. Evitai-lhe quanto poderdes os castigos corporaes, que não corrigem os meninos, mas os fazem dissimulados, e máos: com a razão é que é necessario convence-los; é o seu amor proprio que deveis atacar: fazei desenvolver nelles desde o berço os sentimentos de honra, e de uma bem entendida emulação, inspi-

rai-lhe o amor de Deos, ensinai-lhe os verdadeiros preceitos da religião de Jesus Christo, que nos manda amar uns aos outros, que nos faz conhecer os nossos deveres mesmo na sociedade, e que nos ensina os santos dogmas da immortalidade da alma, e das recompensas em uma vida futura.

A. F. de M. P.

*Remedio contra os accidentes consecutivos
à mordedura da vibora.*

Tome-se uma pequena porção de chlorureto de cal secco, e bem concentrado, dilua-se por meio da saliva, e applique-se sobre a ferida causada pela mordedura da vibora, tendo o cuidado de fazer penetrar bem o chlorureto na ferida. A dôr e mais accidentes cessam dentro de poucos minutos, e como por encanto, e o animal recupera a sua tranquillidade. Este remedio tem por muitas vezes sido experimentado nos animaes, e não duvidamos, que no homem produza o mesmo effeito.

As pessoas que acompanham os gados aos pastos, ou terrenos onde são frequentes as viboras, farão bem em se munir de um vidrinho de chlorureto de cal em pó, para, no caso de mordedura, o poderem applicar depois desta, o mais breve possivel.

*Meio de impedir que os oleos adquiram
ranço.*

As substancias oleosas tornam-se rançozas pelo contacto do ar, e a absorpção do oxigenio. Para impedir isto basta lançar o oleo em garrafas, e acabar de encher estas, no espaço de 1 até 2 polegadas com boa agoa-ardente refinada; tapam-se depois bem as garrafas com rolha de cortiça, e um pedaço de tripa ou hexiga, e conservam-se em pé, e sem as deitar.

Este processo é fundado na propriedade que tem a agoa-ardente de sobrenadar ao oleo, pela differença de seu pezo especifico, e de interceptar assim toda a communicação com o ar exterior. Por este meio conser-

vam-se os oleos por muito tempo sem alteração sensível.

Processo para tirar o ranço á manteiga.

Principiai por bater bem a manteiga em uma sufficiente quantidade d'agoa, contendo 25 a 30 gottas de chlorureto de cal liquido por cada dois arrateis de manteiga: deixai depois a mistura em repouso por tempo de 1 a 2 horas: batei então de novo a manteiga em agoa simples.

Não haveria inconveniente em augmentar a dóze do chlorureto de cal, não só porque elle não é nocivo á saude, mas porque a segunda operação priva d'elle a manteiga; mas a experiencia tem demonstrado, que a dóze acima indicada é sufficiente para o fim que se deseja. A manteiga a mais rançosa recobra por este meio toda a doçura e bom gosto, que possuia quando fresca.

Este processo é tambem proficuo para tirar á manteiga certo gosto, e cheiro desagradavel, que algumas vezes se lhe encontra, mesmo sendo fresca.

Lutos para alambiques, louça, vidros, &c.

Misturem-se bem algumas claras d'ovos com cal extincta, depois de batidas, estenda-se a massa em tiras de papel, ou panno de linho, ou de algodão para se applicar ás juntas.

Outro. — Faz-se com clara d'ovo, ou sangue de boi misturado com cinza de madeira secca, formando um composto analogo ao precedente.

Outro. — Faz-se com queijo fresco, e cal extincta, ou cinzas de madeira.

Outro mais geral. — Faz-se com farinha de trigo desfeita em agoa, a que se póde ajuntar algum barro, ou carbonato de cal.

Estes são os lutos mais solidos, e usados nas destilações; o seguinte resiste á acção do fogo e da agoa, póde empregar-se para collar peças de louça, vidro, &c.

A meia canada de vinagre ajunte-se outro tanto leite, que se coalhará: separe-se o

coalho, e incorpore-se com 5 claras d'ovos, batendo bem a mistura, e juntando-lhe então sufficiente quantidade de cal viva, para formar uma massa branda. Depois póde applicar-se; mas deixe-se seccar bem, antes de pôr em uso as peças colladas.

A. F. de M. P.

DOS ESTUQUES E MARMORES ARTIFICIAES (1).

(Annaes da Sociedade Prom. da Ind. Nacional).

SECÇÃO IV.

Da execução dos objectos em estuque.

Para executar objectos em estuque, empregam-se ordinariamente tres camadas sobrepostas uma sobre a outra, e de qualidades differentes.

A primeira, que é a camada d'esboço, é immediatamente applicada sobre as pedras do massiço que se quer cobrir. Póde fazer-se com a grossa argamassa de arêa.

A segunda é a que alisa o massiço ou que dá ao objecto a fórma que elle deve ter. Esta camada deve ser formada de materias menos grosseiras do que a primeira, taes como a arêa fina, a argila cosida, lascas de pedras reduzidas a pó. Póde tambem preparar-se para as grandes superficies, principalmente quando são destinadas a ficar expostas á humidade, ou com a argamassa de cal, de pouzzolana natural ou facticia, ou de cacos pisados, a fim que possa seccar-se de prompto; ou finalmente como na Italia, com uma mistura de seis partes de cal, tres de arêa, duas de escorias de ferro, uma de cacos pisados, e uma de tartaro de vinho, tudo moído por differentes vezes.

Para que esta segunda camada adhira melhor á primeira, pica-se esta com o picão antes de a cobrir.

A terceira, finalmente, que é a camada d'estuque propriamente dito, deve ser composta com substancias extremamente finas passadas pelo peneiro.

(1) Continuado de pag. 152.

A cal que para isto se emprega extingue-se por immersão (1), e quando está reduzida a calda póde passar-se uma segunda vez pelo peneiro fino, para lhe separar a agoa sobre abundante, e tirar-lhe todas as partes areentas. Póde-se tambem desfazer, moendo-a sobre uma pedra de marmore.

Quando esta cal está extincta de pouco tempo, apresenta menos vantagens a respeito da economia e da facilidade do trabalho, porque a sua dissolução, para ser completa, exige sempre mais ou menos tempo. Os antigos não a empregavam senão muitos mezes depois da sua extinctão; porém facil será accelerar o momento favoravel de a empregar, moendo-a differentes vezes em um intervalo de tempo alguma cousa menos longo.

Para estender as camadas d'estuque, ás quaes se dá ordinariamente 2 a 3 linhas de grossura, usa-se de uma colher; e quando se trata de formar molduras, empregam-se dois calibres guarnecidos de laminas de ferro, cortadas e profiladas do mesmo modo que a madeira, a fim de tornar as arestas mais livres e mais vivas. Aquelle dos dois que serve para esboçar, deve ser mais pequeno uma linha pelo menos, do que o outro, para facilitar a camada de estuque.

As argamassas um pouco fortes são as que se devem preferir nesta ultima circumstancia, e a camada d'esboço póde ser feita simplesmente de gesso.

Finalmente, quando os estuques são destinados a ser expostos ao ar, deve-se sobretudo ter attenção em não deixar na sua superficie a menor aspereza, que possa obstar á prompta sahida das agoas.

SECÇÃO V.

Dos meios empregados para formar estuques variados de côres.

Quando são applicadas em separado as composições que temos indicado, ellas só

(1) A extinctão da cal por immersão deve fazer-se como se segue: ruzem-se as pedras de cal viva á grossura de uma noz, e deitam-se os horades em um cesto destapado. Mergulha-se este cesto na agoa, e conserva-se assim até que a superficie da agoa comece a ferver; então retira-se, deixa-se esgotar um instante, e deita-se a

são proprias para formar fundos lisos. Todavia, quando se tratar de imitar qualquer marmore variado de côres, poder-se-hão igualmente empregar applicando-as successivamente uma junto da outra, para formar marquinhas maiores ou menores, de uma ou duas linhas de grossura, que se estendem depois promptamente sobre as camadas de esboço.

SECÇÃO VI.

Do polimento.

O polimento só se deve dar quando o estuque está perfeitamente secco.

Para abreviar a dessiccação, deve haver o cuidado de tirar, todas as manhãs, com um panno fino, que se applica sem fricção sobre o estuque, as gotas d'agoa que requeimam á superficie.

O processo empregado para polir o marmore facticio é quasi o mesmo que se emprega com o natural: desbasta-se primeiro a superficie com uma especie de pedra chamada *cos*, cujo grão é mais fino do que o do *grés*; tambem se póde empregar a pedra *pomes*. Durante o desbastamento, deve-se limpar e lavar constantemente, o lugar que se pule, com uma esponja imbebida d'agoa; esfrega-se depois com uma boneca de panno de linho molhado, que contenha tripoli e cre, ou, na falta destes ingredientes, carvão de salgueiro pisado e peneirado muito fino; póde tambem servir-se de bocados de carvão inteiros, para melhor penetrar o fundo das molduras; e durante esta segunda operação emprega-se sempre a agoa e a esponja para limpar.

A final, termina-se a operação esfregando a superficie com um pedaço de chapeo molhado em azeite e tripoli muito fino, e, em ultima analyse, com o mesmo bocado de chapeo molhado unicamente em azeite.

cal em caixas ou linas, onde achando-se concentrado o calor, uma grande parte da agoa vaporisa-la, não podendo escapar-se, será recebida pela mesma cal, que se reduzirá a pó. Para conservar a cal neste estado, ter-se-ha o cuidado de cobrir as caixas ou linas com palha, e se conservarão em logares ao abrigo da humidade.

SECÇÃO VII.

Composição de um mastique proprio para a esculptura.

Misturae marmore ou granito reduzido a pó fino, flôr de farinha, barro fino, e a quantidade de grude sufficiente para reunir estes ingredientes; fazei cozer tudo, e reduzi á consistencia de massa, que se deitará em fôrmas gravadas de cobre ou de aço; cunham-se os ornatos por meio do balanceiro.

SECÇÃO VIII.

Processo para compor pedras artificiaes proprias para serem empregadas na confecção das prateleiras, coberturas, e ornatos de chaminé; por M. Ch. Wilson (1).

Tomae dois alqueires d'arêa do rio e um de cal viva reduzida a pó e peneirada; misturae tudo com sufficiente quantidade d'agoa, e amassae esta mistura durante tres ou quatro dias, e de cada vez por meia hora, mas sem lhe juntar nova agoa.

Depois misturae quatro canadas d'agoa com meia canada de cola quente, e quatro onças de pedra lume em pó, desfeita em agoa quente.

Toma-se para formar o mastique quasi uma pásada da composição de cal e arêa; faz-se-lhe um buraco no meio e deita-se-lhe quartilho e meio da mistura de pedra lume e de cola, á qual se acrescentam tres ou quatro arrateis de gesso. Deve tudo ser bem moído e amassado até que forme uma massa compacta.

Deita-se este mastique em fôrmas de madeira, que tenham a fôrma da pedra que se quer fabricar, e cujas extremidades, lados e parte superior podem tirar-se; guarnece-se com antecedencia o interior destas fôrmas de uma untura oleosa espessa, composta de meia canada de azeite misturado com igual quantidade d'agoa de cal clara.

Para formar os ornatos de chaminé en-

chem-se primeiro os moldes até metade da composição de cal, arêa e gesso; estendem-se-lhes então no sentido do comprimento alguns arames de ferro e filaça de linho, depois enchem-se as fôrmas e tira-se o excedente do mastique com uma colher de madeira.

Estando concluida esta operação, collocam-se as tampas sobre as fôrmas, que se submettem á acção de uma forte prensa de parafuso; devem assim ficar por vinte ou trinta minutos, e até que o mastique tenha adquirido a necessaria dureza.

As paredes dos moldes são unidas com chapas de ferro com suas competentes chavetas.

O arame de ferro e a filaça de linho que se mistura no mastique tem a dupla vantagem de dar maior solidez ao ornato, e impedir que se quebre completamente se se vier a rachar por accidente.

Podem fazer-se ornatos lizos ou com relevos; concluem-se esfregando-os com agoa de pedra lume, e polindo-os com uma colher carregada de um pouco de gesso molhado.

O author annuncia que todas as peças de uma chaminé compostas deste mastique não se vendem a mais de 7 schellings (1:400 r.^s pouco mais ou menos), promptas a ser collocadas. As molduras são de preço mais elevado.

AVENTURAS DE MISTRESS INCHBALD:

(Traducção).

II.

A MEDALHA PELO AVESSO.

São dez horas da noite: a carroagem que conduz *miss Simpson* e sua fortuna, rola rapidamente sobre as calçadas de Londres. Eis alli finalmente essa cidade tão apeteçida!... Eis alli o tão sonhado monstro!... Sim, esta atmospherá brusca e afumada; sim, este labyrintho de casas, esta balborda

(1) A sociedade fundada em Londres para a sni-
uação das artes, conferio ao author uma recompensa
de vinte e cinco guinéus.

d'homens e bestas; sim, todo este ruído, toda esta multidão, todos estes nevoeiros, todas estas luzes, todos estes esplendores, todas estas miserias, são a grande cidade, são Londres, não ha duvida. Entretanto a joven *miss* custa-lhe a acreditar seus olhos e seus ouvidos. Será ella a propria, ainda hontem habitante d'uma pobre aldeia, onde todos se deitam com o sol, a que hoje se acha embrulhada neste torvelinho magico, onde a noite parece desconhecida? . . . Será possível que ella tenha finalmente chegado a pizar o solo deste paraizo terrestre, cujo illusorio reflexo tem tantas vezes desenrolado a seus olhos os fantásticos horisontes? . . . *Miss Elisabeth* quer certificar-se de que esta vez não é lograda pelo sonho que tão pertinazmente a ha perseguido, e apalpa-se. Para mais certeza interroga a todos que a rodeiam: « Isto é Londres, não é assim? — É, certamente, é Londres; que quereis vós que seja? — Bem, diz ella consigo, agora sim, agora posso acredita-lo; com effeito, é Londres, Londres, onde eu estou, Londres, onde quero viver e morrer. Esta multidão, eu tenho toda a certeza de a vêr: este ruído, eu estou bem certa de o ouvir: eu mesma faço parte desta multidão: eu tambem corro para este ruído, pois a nossa carroagem faz tanto, ou mais que as outras: toda esta gente, que hoje não emprega em mim suas attentões, virá um dia em que me ha de conhecer, cortejar, e admirar, porque eu serei rica, celebre, e feliz; e esta riqueza, esta gloria, e esta felicidade não as deverei a ninguem mais que a mim propria. . . Então eu chamarei minha familia ao meu lado, para a ligar a todas as minhas venturas. . . Amanhã eu escreverei a minha boa mãe uma carta bem submissa, bem affectuosa; eu lhe contarei todos os meus projectos, todas as minhas esperanças; minha mãe intercederá por mim a meu pai, e ambos elles me perdoarão. . . Misericordia, meu Deus, misericordia! . . . »

Assim pensava *miss Elisabeth*, que já se julgava, como temos visto, uma importante personagem. Apeou-se da carroagem, e dirigio-se ao *Strand*, a uma casa, onde esperava encontrar uma de suas parentas esta-

belecida em Londres, de quem muitas vezes tinha ouvido fallar á sua familia; mas, esta parenta havia, por desgraça, deixado Londres ha muitos mezes. Em seus planos de elicidade e gloria, *miss Simpson* não tinha previsto como possível, um contratempo semelhante: tocou a desesperação, e debulhou-se em lagrimas. A pessoa, a cuja habitação ella se tinha feito conduzir, e que succedêra a sua parenta na casa do *Strand*, era um homem gordo, de rosto sereno, e quasi jovial para Inglez; um velhote de bochechas pendentes, e rubicundas. Notou que a triste rapariga chorava, e depois d'alguns instantes de silencioso exame, bradou:

« *Goddam!* sois formosa. Porque choraes? d'onde vindes? que quereis? »

Miss Simpson, tremendo de susto, fez a narração da sua fuga, e do seu actual embarço ao homem gordo, que lhe replica:

« Ainda bem, minha bella, vos a desgraça não é tamanha como vos parece; passareis aqui esta noite, e amanhã eu vos conduzirei á diligencia da vossa aldeia, e hireis consolar vossos pais, que devem estar muito inquietos com a vossa ausencia. »

Estas palavras: *Eu vos conduzirei á diligencia da vossa aldeia*, cortaram o curso ás lagrimas da joven *miss*. Voltar para a sua aldeia parecia-lhe a maior de todas as desgraças. A esta ideia, que a fazia estremecer, desapareceram todas as perplexidades da sua presente situação: o homem, que lhe offerecia hospitalidade, valeo por um agente de policia disposto a conduzi-la á prisão: ella assustou-se; tomou sua treuxa, e fugio como uma ladra, sem proferir uma só palavra.

Miss Simpson, depois de ter corrido por algum tempo vagamente, sem tomar respiração, assentou-se esbaforida sobre um marco. Com pavor se perguntava a si mesma o que havia de fazer, perdida, só, no coração da noite, nesta cidade immensa, onde não conhecia ninguem. Tinha-se de novo posto a andar, sem nada resolver, quando seus olhos se fixaram n'um cartaz, em que se lia a inscripção seguinte:

Aposentos mobiliados para alugar.

Agora vamos nós vêr como as faltas se produzem umas d'outras: *miss Simpson*, fu-

gindo da casa paterna, tinha-se collocado n'uma falsa posição, que ella mesma não ousava approvar; parecia-lhe que todo o mundo a quereria reenviar á sua familia, como o homem gordo, de cuja casa acabava de evadir-se. Que ha de ella fazer? Ser-lhe-ha forçoso passar a noite na rua, quando alli tem uma hospedaria, onde por algum dinheiro pôde conseguir um bom quarto, e uma boa cama?

Miss Simpson tinha faltado gravemente á obediencia e á submissão, que os filhos devem a seus pais: por uma consequencia desta primeira falta, ella hia agora faltar ao respeito, que cada um se deve a si mesmo, ella hia mentir. Para não se expor a sêr forçadamente devolvida á sua aldeia, nada imaginou melhor, do que insinuar-se como costureira aprendiz de Londres; e, urdida a-sim a mentira, entrou resolutamente na hospedaria.

«Senhora, disse ella, dirigindo-se á dona da casa, tendes um quarto disponível?

— Para vós, minha menina? lhe perguntou esta admirada de vêr uma rapariga, tão joven e tão formosa, apresentar-se, sozinha, por aquella hora, á porta d'uma hospedaria.»

Miss Elisabeth, embaraçada pelo exame, de que estava sendo objecto, abaixou os olhos, corou, e teve apenas força para dizer:

«Sim, senhora, para mim.

— Porém, minha menina, quem sois vós, e como audais assim, só, pelas ruas, a uma hora tão adiantada?»

Aqui *miss Elisabeth* teve coragem para articular a sua pequena mentira, e ajuntou depois:

«A costureira, senhora, em casa de quem eu trabalho, recebeu esta noite uns seus parentes do campo, que ella não esperava, e que lhe occuparam todas as camas, de sorte que se viu obrigada a mandar-me pernhoitar a uma hospedaria, em quanto não fazemos certas disposições domesticas, para o que agora não houve tempo.

— E onde mora a vossa mestra, minha menina?»

Miss Simpson não se tinha prevenido para esta questão, que a collocava n'um extremo

embaraço, por que não conhecia uma só rua de Londres. Reconhecendo todavia o quanto a sua fabula interessava com uma precisa resposta, disse ao acaso um numero de morada, e o primeiro nome de rua, que lhe veio á memoria.

A dona da casa mostrou-se um pouco sorprendida.

«Como! tão longe?... observou ella; habitaes n'um bairro a mais de duas milhas daqui, e vindes-me pedir pousada?... É bem pouco verosimil o que vós me dizeis!»

Miss Simpson hia protestar pela sua verdade, quando n'um voltar de rosto deu com os olhos no homem, de cuja habitação fugira ha pouco. Estava elle pela parte de traz, em pé, com os braços cruzados, e o ouvido á escuta: uma indignação misturada d'espanto se pintava em sua honesta e redonda cara de mastim. Á vista deste personagem mudo, *miss Simpson* sentio-se gelada: as começadas palavras expiraram-lhe nos labios.

«Prendei-a, diz o homem gordo avançando. É uma velhaca certamente, que fez alguma das suas. Pouco ha entrou em minha casa, e narrou-me uma outra historia, sem duvida, tão verdadeira como a que agora contava.»

E, voltando-se para *miss Simpson*, acrescentou:

«Eu segui-te desde minha casa, velhaca, para formar um juizo da tua historia, e finalmente já tudo percebi. Agora vê se te atreves a sustentar na minha presença a tua ultima patranha!»

Miss Simpson atterrada, e confusa, lançou mão da trouxa, e quiz fugir; mas, desta vez cortaram-lhe a retirada. Alguns hospedes da casa que, atrahidos pela vozeria deste homem gordo, a cercavam, jogavam-lhe á perfia motejos e sarcasmos. Ameaçavam-na com a entregarem á justiça, se não dêsse uma explicação de suas mentiras, e do interesse que lhas havia inspirado. *Miss Simpson* julgou-se perdida; e debulhada em lagrimas tudo confessou. Porém, as primeiras mentiras tornavam sua franqueza um pouco suspeita; não lhe deram credito, e tratavam de chamar um esbirro.

Entre as pessoas que presenciavam esta scena, uma só parecia interessar-se por *miss Simpson*: era um pequeno de doze annos, o filho da hospedeira. Ao proferir-se a palavra — esbirro — desatou em altos e penetrantes gritos, e declarou que, se fizessem algum mal aquella rapariga, jámais elle poria pés na escola. Trataram de aquietar o pequeno, fazendo-lhe vêr que *miss Elisabeth* era uma criminosa, e que era mister puni-la: mas nada é bastante; elle continúa a protestar, a chorar, e a pedir, cobrindo sua mãe de beijos e caricias, para a chamar em auxilio da sua protegida. Esta intervenção, tão singular, como inesperada, salvou *miss Simpson*, a quem deixaram finalmente sahir, oppressa com o péso da vergonha, e carregada das maldições e sarcasmos de todos.

Era meia noite quando a pozeram portafóra, e começou de novo a vagar ao destino pelas ruas. Às duas horas da manhã encontra-se junto á ponte *d' Holborn*, e vê no pátéo d'uma estalagem uma diligencia prestes a partir. Um homem solicita um logar para *York*, e o conductor responde-lhe que todos estão prehenchidos. A aventureira rapariga não deixa perder esta palavra. Visto que a diligencia não pôde aceitar mais viajantes, que arrisca ella em entrar na estalagem, e pedir tambem o seu logar para *York*? Tem pelo menos a certeza de que a não obrigarão pela palavra, e talvez se lhe permitta, a titulo de vagem differida, passar o resto da noite a um canto da casa.

Encantada do seu novo estratagemma, a joven *miss* entra, e, dirigindo-se á estalajadeira:

« Senhora, lhe diz, eu queria um logar para *York*, podeis dizer-me se a diligencia partirá já?

— Está a partir, menina, mas já não ha logar.

— Oh! meu Deos! exclama *miss Simpson*, um dia ainda de demora!... quanto me é penoso!... Mas, já que assim acontece, quereis vós, senhora, mandar-me dar um quarto? »

A estalajadeira parecia recear-se bastante de receber em sua casa uma viajante tão nova, e tão afoita em precorrer sozinha, alta

noite, as ruas da cidade. Entretanto, depois d'alguma hesitação, concedeo-lhe, como graça especial, o passar a noite n'umas agoas furtadas, onde a fechou á chave, que depois guardou na sua algibeira.

No dia seguinte, bem cedo, *miss Simpson*, que tinha o excellente costume de se levantar com a aurora, estava a pé. Quiz sahir: era impossivel: a porta estava fechada exteriormente á volta de chave, e na estalagem nenhum ruido se escutava, que annunciasse a vida acordada. O mesmo sol, a quem *miss Simpson* costumava dirigir diariamente uma oração matinal, e alegre, parecia mais perguicoso em Londres, do que na pequena aldeia de *Staning-Field*. *Miss Elisabeth*, não tendo meio algum para se fazer ouvir da gente da estalagem, passeou tristemente no seu aposento, esperando que a viessem libertar. Esperou assim até ao meio dia. Só então a dona da casa lhe veio abrir a porta; e, n'um tom arido, lhe disse:

« Não vos esqueçais, menina, que a diligencia *d'York* deve partir esta tarde: e, para se não dar o risco de mais um dia de demora, convido-vos a tomar desde já o vosso logar. »

Miss Simpson comprehendeo toda a injuriosa desconfiança, que suas palavras envolviam. Com o pouco dinheiro, que possuia, pagou um logar, de que ella estava bem resolvida a não aproveitar-se. Restava-lhe um ultimo escudo para aguardar o futuro de prosperidade, que havia sonhado.

O bom modo, por que *miss Simpson* acabava de penhorar o seu dinheiro, um pouco a rehabilitou na consideração da estalajadeira, que a convidou a descer para almoçar. *Miss Simpson* escudou-se sob pretexto de hir instruir uma de suas parentas, do contracto que tinha retardado a sua partida, e almoçou furtivamente pelas raas um pedaço de pão, e alguma fruta. Quando voltou disse, que a sua parenta exigia ainda a sua demora em Londres; e muito feliz se considerava ella em não ser expulsa de casa, perdendo o preço do logar que tinha pago. Graças a esta nova mentira; ella pôde conservar algum tempo o triste retrete, que tanto lhe custára a procurar. Sabia todas as

manhãs, para tornar a entrar á tarde quebrada de fadiga, desalento, e tedio; e em quanto os da estalagem a suppunham alegre em casa de seus parentes, ella apenas ou-sava comprar um pedaço de pão, que comia en-sopado em suas proprias lagrimas; porque,

apezar da mais severa economia, o seu unico recurso, um escudo, estava decipado, e ella primeiro se resignaria a morrer de fome que a mendigar.

(Continuar-se-ha).

P. C. F.

Ephemerides da historia Portugueza.

<i>Julho.</i>		
1	1420	Descoberta da Ilha da Madeira, por João Gonzalves Zarco.
2	1687	Casamento d'ElRei D. Pedro II. com a Rainha D. Maria Sofia Isabel.
3	1638	Erupção de um vulcão submarino a duas leguas da Ilha de S. Miguel.
4	1336	Morre a Rainha Santa Isabel, mulher d'ElRei D. Diniz.
5	1716	A pedido do Papa Clemente XI. sai do porto de Lisboa uma armada contra os Turcos, que citiavam a Ilha de Curfo.
6	1541	D. Christovão da Gama entra na Ethiopia em socorro do Imperador, chamado vulgarmente o <i>Preste João</i> .
7	1667	Batalha de Castello-Rodrigo, na qual é derrotado o Duque de Ossuna.
8	1832	Desembarque do Exereito Constitucional nas praias do Mindello.
9	1354	Morre o Infante D. Pedro, Conde de Barcellos, e filho d'ElRei D. Diniz.
10	1499	Chega a Lisboa a nova do descobrimento da India.
11	1447	Morre em Roma D. Antão Martins Chaves, Bispo do Porto.
12	1535	O celebre galeão — <i>Bota-fogo</i> força a bocca do rio da Goleta em Africa, fortificada e defendida por Barbaroxa, com todo o seu poder.
13	1491	D. Affonso, filho de D. João II., morre d'uma queda junto a Santarem.
14	1728	Um incendio devora o Convento de S. Francisco da cidade de Bragança.
15	1736	Morre a Infanta D. Francisca, filha de D. Pedro II.
16	1184	ElRei D. Affonso Henriques desbarata os mouros em Santarem.
17	1579	Morre pobre em Lisboa Luiz de Camões, Principe dos Poetas portuguezes.
18	1697	Morre na Bahia o celebre Padre Antonio Vieira; de 90 annos de idade.
19	1717	Uma armada portugueza, derrota no Med terraneo a armada turca.
20	1596	Morre perto da cidade do Mexico o portuguez Gregorio Lopes, natural da Villa de Linhares, varão insigne em santidade.
21	1741	Erecção de um Seminario Patriarchal na cidade de Lisboa.
22	1597	Subversão d'um bairro de Lisboa, com cento e dez moradas de casas.
23	1505	D. Francisco d'Almeida conquista a cidade de Quiloa, na costa d'Africa.
24	1511	Entra Affonso d'Albuquerque pela primeira vez na cidade de Malaca.
25	1109	Nasce em Guimarães D. Affonso Henriques, 1.º Rei de Portugal.
26	1500	Descobre Pedro Alvares Cabral a cidade de Quiloa.
27	1517	Morre D. João d'Azevedo, Bispo do Porto, varão insigne em letras e virtudes.
28	1598	Por tres vezes se sentem em Lisboa os abalos de um terremoto.
29	1180	Os portuguezes commandados por D. Fuas Roupinho, ganham sobre os mouros a primeira victoria naval.
30	1390	Nasce em Santarem o Infante D. Affonso, filho primogenito de D. João I.
31	1530	Morre em Matosinhos Simão Gonzalves da Camara, 3.º Capitão e Governador da Ilha da Madeira.

A. F. de R. P.

COMMEMORAÇÃO.

OITO DE JULHO — 1832.

O DESEMBARQUE DE D. PEDRO NAS PRAIAS DO MINDELLO.

SONETO.

De Lysia o Genio, outr'ora portentoso,
 No templo augusto, e sacro da historia
 Um feito digno d'immortal memoria
 Quiz traçar-nos em quadro magestoso.

Um feito, por quem 'squeça o grego iroso,
 E o romano tão q'rido da victoria;
 Um feito, que escureça qualquer gloria,
 Que a todos leve a palma d'assombroso.

Primeiro fez — de Pedro o busto orlado
 Com diadema de luz — e — Liberdade,
 Mindello, oito de Julho — logo ao lado.

És typo — disse então — de heroicidade;
 Das gentes e dos fados adorado,
 Ovante passarás á Eternidade.

Bragança, 1843.

A. F. de M. P.

A gruta d' Ajaccio.

Não longe d' Ajaccio, n'uma das ilhas do Mediterraneo, e sobre o golfo do mesmo nome, observam-se collossaes penedos meio occultos pelas plantas vigorosas, que os cercam e os cobrem.

Alli em todas as manhãs do anno de 1774 vinha um engraçado infante estudar as lições, que lhe tinha dado para apprender seu tio, cuja casa d' habitação á direita dos collossaes penedos subsiste tambem ainda agora. Alli aquelle infante deixava ás vezes a lição, para correr enlevado atraz da borboleta, que vagueava de raminho em raminho, ou para contemplar embevecido a abelha, que zumbia de flôr em flôr. Depois com saudade retomava o seu livro, e proseguia entregando

á memoria os elementos da grammatica franceza de M. L'Homond.

Aquelle gruta acha-se situada no meio de uma pequena planicie coroada de cactos, amendoeiras, e oliveiras; para alli se chegar, uma estreita avenida sómente se vos offerece. Tres massas de granito de uma enorme grandeza, inclinando-se umas sobre as outras, formam um engraçado abrigo aberto sómente por uma parte, e alcatifado pelos musgos, e pelas heras, que em festões lhe pendem tambem do tecto e dos lados. Sua capacidade interior terá quinze palmos de extensão, e dez d' altura.

Em volta da gruta, assim como no interior notam-se muitos assentos abertos na rocha viva, e na maior parte cheios de nomes, que abi tem sido inscriptos, á semelhança do que costumam praticar os perigrinos nos logares d' habitação dos objectos de seu culto.

Qual é pois o misterio, que tudo isto em si contém? um só nome vai revelar-vos-lo. — O este cujos dias infantis se escoavam alli naquella gruta, e que esquecia a sua grammatica por uma abelha, ou por uma borboleta; esse infante, ainda então pobre e desconhecido chamou-se Napoleão Buonaparte.

Bibliographia Dramatica.

Segundo se lê na *Revista Univ. Lish.* vol. 3.ª serie 3.ª art. 404 e 420. — Desde 1836 até hoje tem apparecido 112 peças de theatro; resultado admiravel comparado com tudo o que até aqui haviamos produzido no espaço de 360 annos! Eis os nomes de quasi todas ellas.

Dramas: um auto de Gil-Vicente (*Almeida Garrett*). O marquez de Pombal, ou o terremoto, de 1755 (*Baiardo*). Lopo de Figueiredo (*I. Pizarro*). Diogo Tinoco (*I. Pizarro*). O Emparedado (*Sousa Lobo*). Os dois Renegados (*Mendes Leal*). D. Sisenando (*Serpa Pimentel*). O Camões do Rocio (*Feijó*). O Homem da mascara negra (*Mendes Leal*). Carlos ou a familia do avarento (*Grijó*). O marquez de Pombal ou 21 annos da

sua administração (*Perini*). Auzenda (*Mendes Leal*). Os dois Campeões (*D. P. da C. Sousa de Micedo*). O Captivo de Fez (*Silva Abranches*). A Actriz (*Serpa Pimentel*). O valido [*Cascaes*]. D. Manoel d'Azevedo [*Silva Vieira*]. O medico improvisado [*Midosi*]. O Alfageme [*Almeida Garrett*]. O Castello de Faria [*Cascaes*]. As duas filhas [*Pereira da Cunha*]. O pagem d'Alubarro'a [*Mendes Leal*]. O barão de Gallegos [*Silva Abranches*]. D. Maria d'Alencastro [*Mendes Leal*]. A Rainha e a Aventureira [*Corréa de Lacerda*]. Braz'a parda [*Pereira da Cunha*]. A pobre das ruínas [*Mendes Leal*]. D. Maria Telles (*Corvo*). Os últimos dias de um sentenciado (*Perini, e Castilho Antonio*). Philippe Mauvert (*Perini, e Castilho Antonio*). O Remechido (*Feijó*). O Fronteiro d'Africa (*A. Herculano*). Geraldo sem pavor (*Perini e Castilho Antonio*). Marianna Pineda (*Lamprea*). A morte do conde Andeiro (*Feijó*). O Cigano (*Perini*). D. Afonso III. (*H. G. de Sousa*). O Almuçor Aben-Man (*Serpa Pimentel*). A vingança (*A. C. da Silva*). Roberto do Diabo (*Perini, e Silva Leal*). Um dia de verão em Cintra (*Midosi*). Os dois irmãos, ou uma desgraça de familia (*Perini*). A conspiração dos artistas (*Perini*). O cego da fonte de Santa Catharina (*Aragão*). Os dois rivaes (*J. C. M. Furtado*). A duqueza de Bragança (*A. C. da Silva*). Afonso ou sete annos no castello (*J. C. M. Furtado*). O retrato politico de muitos homens (*Camará*). A Moira (*Sousa Lobo*). O conde João (*D. J. d'Azevedo*). O Judeu (*Bordallo*). Uma scena dos nossos dias (*Midosi*).

Farças. — O Maltez ou os novos inventos (*Feijó*). O noivado em Friellas (*Midosi*). Os jogos n'uma hospedaria (*Midosi*). A boda em trajos de frasqueira (*Serpa Pimentel*). A hospedaria da carruagem aerea (*Castilho Antonio*). O Beijo — lyrica (*Silva Leal*). O caçador — lyrica (*Mendes Leal*). O dilemma (*Midosi*). O par de luvas — lyrica (*Silva Leal*). Um bom homem d'outro tempo — lyrica (*Silva Leal*). O cambista (*J. C. de Carvalho*). A conjuração malograda (*J. C. de Carvalho*). O medico da nova escola (*Francisco Xavier*). A familia original (*Francisco Xavier*).

O concurso das peças a premio para a abertura do Theatro de D. Maria 2.^a, fechou-se no dia 31 de Janeiro. Os titulos das peças que concorreram são os seguintes.

Geraldo sem pavor — O alcaide de Faro — A innocencia as bordas do abismo — Elisa — O incognito — O Infante Santo — D. João de Castro na India — Uma demão de patriotismo — A dou ora — A vespera de um desafio — Os mister os do Theatro de S. Carlos — Gabriella — Herança do Barbado — A condeça d'Atougu a — O poder do remorsos — Nova Asteca — A orfã e o assassino — Cid-Achia — O magriço — D. Branca — D. Leonor de Medonça — Um episodio na cõrte de D. João 3.^o — D. Sancho 2.^o — Ignez e Constança — A mina de Dio — Luiz de Camões — Os castellãos d'Abrantes — O g verno de D. João de Castro na India — O cura de Santo Aleixo — A feiticeira — Alva estrella — Os dois nobres — Que importa um dom.

A boa educação é a origem e a raiz de uma vida virtuosa.

Bons avós — o orgulho de quem não tem outra cousa de que o tenha.

Dicc. d'algebeira.

Synopse da Legis'ação do primeiro semestre de 1846.

Decreto de 29 de Maio, concedendo authorisação á Companhia Confiança a suspender por tempo de tres mez. e o pagamento das suas notas promissórias. — *Diario do Governo de 30 de Maio*.

Decreto de 29 de Maio, suspendendo até decizão das Côrtes, a execução da Carta de Lei de 3 de Maio de 1845 que organisa o Conselho d'Estado como Tribunal Administrativo. — *Diario do Governo de 1 de Junho*.

Decreto de 31 de Maio, sobre a organisação da Guarda Nacional. — *Diario do Governo de 2 de Junho*.

Decreto de 5 de Junho, pelo qual foram perdoados os crimes de 1.^a e 2.^a deserção simples ou aggravada por extrasio de objectos pertencentes á Fazenda Nacional. — *Diario do Governo de 6 de Junho*.

Portaria de 6 de Junho, dirigida ao Director da Alfandega do Porto relativa a repressão do contrabando nas Costas do Norte do Reino. — *Diario do Governo de 6 de Junho*.

Decreto de 8 de Junho, ordenando que a receita e despesa publica do anno de 1846 a 1847 continue a effectuar-se nos termos da Legislação em vigor.

Decreto de 8 de Junho, creando uma Commissão extraordinaria de Fazenda, para objectos de Orçamento, e reduções nas despesas publicas. — *Diario do Governo de 9 de Junho*.